

## **As fontes da teoria da sublimação de Freud na filosofia de Schopenhauer**

*The sources of the theory of sublimation of Freud in the philosophy of Schopenhauer*

**Renato Nunes Bittencourt**

*Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ*

*Professor da FACC-UFRJ*

*E-mail: [renatonunesbittencourt@gmail.com](mailto:renatonunesbittencourt@gmail.com)*

**Resumo:** De acordo com a visão de mundo de Schopenhauer, o ser humano se caracteriza por ser dominado por uma carência essencial, motivada pela eterna insatisfação dos seus desejos e inclinações. Essa situação motiva na personalidade humana o desgosto pela existência, o desenvolvimento de sentimentos terríveis e violentos, brevemente apaziguados quando o homem consegue suprir essa carência existencial, os quais, após uma feliz paz de espírito, afloram novamente na vida humana com máxima intensidade. Schopenhauer elabora a referida teoria da contemplação estética, considerando que o indivíduo que se dedica à criação artística e mesmo ao ato de filosofar, torna-se efetivamente capaz de apaziguar por momentos preciosos o abrasamento de sua infelicidade. Tal perspectiva influencia Freud quando este desenvolve a teoria da sublimação, sendo que esta se caracteriza por superar em alguns passos a perspectiva de Schopenhauer, pelo fato de que Freud considera que não apenas na criação artística e na Filosofia, mas em qualquer outra atividade, de caráter intelectual ou até mesmo de labor, o ser humano canalizaria os seus voluptuosos impulsos sexuais (que na teoria de Schopenhauer seria mais uma das expressões do desejo imposto pela vontade humana) através da realização de empreendimentos, de ações que, transformando essa energia vital dispersa através do ato sexual, em um impulso produtivo concreto.

**Palavras-chave:** Arte; Contemplação Estética; Genialidade; Sublimação.

**Abstract:** In agreement with the vision of world of Schopenhauer, the human being is characterized by being dominated by an essential lack, motivated by the eternal dissatisfaction of their desires and inclinations. That situation motivates in the human personality the displeasure for the existence, the development of terrible and violent feelings, shortly appeased when the man gets to supply that existential lack, the ones which, after a happy spirit peace, they surface again in the human life with maxim intensity. Schopenhauer elaborates his referred theory of the aesthetic contemplation, considering that the individual that is devoted to the artistic creation and to the act of to philosophize becomes indeed capable to appease for precious moments the desire of his unhappiness. Such perspective influences Freud when this develops the theory of the sublimation, and this is characterized by overcoming in some steps Schopenhauer's perspective, for the fact that Freud considers that not just in the art, but in any other activity, of intellectual character or even of labor, the human being would channel their voluptuous sexual pulses (that would be one in Schopenhauer's theory more of the expressions of the desire imposed by the human will) through the accomplishment of enterprises transforming that vital energy disperses through the sexual action in a concrete productive impulse.

**Keywords:** Art; Aesthetic Contemplation; Genius; Sublimation.

## Nota Prévia

O presente artigo é a reprodução revisada do trabalho apresentado no I Encontro Nacional de Pesquisadores em Filosofia e Psicanálise, realizado no FFLCH-USP entre os dias 28 e 29 de outubro de 2004. O evento foi realizado através das iniciativas do saudoso Prof. Dr. Bento Prado Jr. e do Prof. Dr. Vladimir Pinheiro Safatle. Vicissitudes técnicas impossibilitaram a publicação do artigo na época do evento, de modo que ocorreu um grande hiato entre a data da apresentação do texto e a sua enfim disponibilização para a comunidade acadêmica.

## Introdução

No decorrer deste artigo pretendemos realizar, através de considerações envolvendo temáticas éticas e estéticas, uma breve introdução sobre o vínculo existente entre os conteúdos da Filosofia e da Psicanálise. Para tanto, se propõe a dissertar acerca dos conceitos constituintes da teoria da contemplação estética elaborada pelo filósofo Arthur Schopenhauer, e as influências que tal perspectiva exerceu na formação da teoria da sublimação desenvolvida por Sigmund Freud. Consequentemente se torna necessária a comparação entre as duas referidas teorias, explicitando as especificidades axiológicas de cada uma delas

Cabe ainda ressaltar que, apesar da notória influência que o pensamento de Schopenhauer exerceu sobre os alicerces teóricos da obra de Freud, esta pesquisa pretende se delimitar na concepção schopenhaueriana da contemplação estética como apaziguadora da vontade e da teoria freudiana da canalização da vitalidade sexual para o desempenho da criatividade nos diversos ramos da cultura; pretende-se evidenciar especialmente os tópicos nos quais se considera que Freud apresenta afinidades axiológicas a teoria estética de Schopenhauer. O ponto forte dessa associação entre os dois autores se dá talvez pela compreensão do estatuto da vontade em sua manifestação contínua nas ações humanas, e de que modo a atividade estética e/ou cultural promove a sua quietude, tal como compreendida por Schopenhauer, ou é utilizada de forma refinada pelo criador em suas obras artísticas, intelectuais, científicas etc. Nesses termos, aparentemente poder-se-ia dizer que haveria em verdade uma divergência entre Schopenhauer e Freud, pois o primeiro defende a tese de que atividade estética suprime momentaneamente as inclinações da vontade, enquanto o segundo considera que as

criações humanas culturalmente elevadas decorrem da sublimação dos instintos e da energia sexual. Contudo, não se pretende afirmar neste texto que a teoria schopenhaueriana da ação lenitiva da contemplação estética é absolutamente idêntica ao conceito freudiano de sublimação, mas que esta encontra inspiração na obra do filósofo alemão ao conceder um papel preponderante para a atividade cultural no processo de elevação intelectual do indivíduo perante as suas próprias pulsões vitais, canalizadas para fins criativos.

Dessa forma, há o esforço intelectual de se demonstrar que, de um modo geral, as referidas teorias apresentam convergências, pois as referidas propostas se fundamentam na possibilidade de se desenvolver meios práticos que viabilizem a emancipação do ser humano do seu estado inerente de sofrimento e de sua diluição existencial na incapacidade de dar um sentido efetivamente criativo aos seus impulsos vitais primordiais. Nessas condições, tal circunstância ocorreria tanto através da contemplação do belo como instância que promoveria a supressão momentânea do desejo e dos tormentos existenciais decorrentes dessa disposição desiderativa no âmago humano (conforme a perspectiva de Schopenhauer), como através da transformação dos nossos impulsos naturais originalmente desenfreados em uma força criativa, capaz de concretizar a elaboração de obras culturais que de algum modo promovam o bem-estar do indivíduo e da própria sociedade que se beneficia de tais criações (a proposta de Freud).

### **Schopenhauer e a contemplação do belo como apaziguadora da vontade**

Na filosofia de Schopenhauer ocorre a radical crítica ao otimismo moral acerca da condição humana; o homem, criatura tão orgulhosa de seu suposto império sobre a natureza, exercido através do uso da inteligência e da técnica, âmbito concernente à esfera do conhecimento pautado na adequação ao princípio da razão, se caracteriza, em sua essência, pelo fato de ser aguilhoado de modo constante por uma carência íntima, decorrente da eterna incapacidade de se conseguir satisfazer a todos os desejos e inclinações sensíveis motivados pelo seu infatigável querer. De acordo com a perspectiva de Schopenhauer, ao se deparar com a própria situação cotidiana do homem, jamais se poderia caracterizá-lo como uma criatura plena, harmoniosa, pois que subjugado pelo referido ímpeto de querer, o qual se origina a partir de uma necessidade, ou seja, de um estado de sofrimento:

Todo querer nasce de uma necessidade, portanto de uma carência, logo, de um sofrimento. A satisfação põe um fim ao sofrimento; todavia, contra cada desejo satisfeito permanecem pelo menos dez que não o são. Ademais a nossa cobiça dura muito, as nossas exigências não conhecem limites; a satisfação, ao contrário, é breve e módica. Mesmo a satisfação final é apenas aparente: o desejo satisfeito logo dá lugar a um novo: aquele é um erro conhecido, este um erro ainda desconhecido. Objeto algum alcançado pelo querer pode fornecer uma satisfação duradoura, sem fim, mas ela se assemelha sempre apenas a uma esmola atirada ao mendigo, que torna sua vida menos miserável hoje para prolongar seu sofrimento amanhã<sup>1</sup>.

Utilizando-se de brilhantes parábolas, Schopenhauer considera que o homem oprimido pela força insaciável dos seus desejos se assemelharia às Danaides, personagens da mitologia grega que teriam sido condenadas a perpetuamente preencher com água um tonel sem fundo, fato este que obviamente impossibilitava a concretização de meta determinada, a roda de Íxion que não para de girar, ou a Tântalo, o infeliz homem que, condenado pela justiça dos deuses olímpicos a um lastimável tormento, nunca consegue saciar sua sede, pois sempre que iria finalmente consumir da almejada água que se oferecia perante seus olhos, aquela lhe escapava.<sup>2</sup> Tais explicações descritivas são poderosos recursos utilizados pelo filósofo para elucidar a sua crua mais inegavelmente realista perspectiva referente aos infortúnios motivados pelo poder exercido pelos desejos na extensão da vida humana.

Mediante tal situação, podemos desenvolver a ideia de que os desejos humanos são saciados de acordo as regras da proporção aritmética, enquanto o nascimento de novos desejos ocorre, por sua vez, segundo as regras da proporção geométrica. Dessa maneira, o sofrimento do querer jamais satisfeito sempre permanece torturando o âmago humano, em sua impossibilidade de realizar todos os seus desejos. Nessas circunstâncias, o filósofo atenta para o terrível caráter desiderativo do homem, sequioso em afirmar, a todo custo, a sua vontade, pois a vida seria apenas um combate perpétuo pela manutenção da própria existência. Movida por ímpetos egoístas, a vontade individualizada enxerga no aparente exterior a si mesma apenas um inimigo na luta pela autoconservação.

Contundo, demonstrando cada vez mais o quão enfadonha consiste a precariedade da condição humana, Schopenhauer considera que, quando finalmente se

---

<sup>1</sup> SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR I, p. 266.

<sup>2</sup> SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR I, p. 266.

consegue apaziguar as inquietações do âmago, surge um estado existencial tão desagradável como o do abrasador eterno-querer, consistindo no tédio:

Ora, assim como a necessidade é a praga do povo, o tédio é a praga do mundo abastado. Na vida civil o tédio é representado pelo domingo, e a necessidade pelos dias da semana<sup>3</sup>.

O homem que não apaziguou o seu querer plenamente, mas que foi capaz de satisfazer o flagelo de seus impulsos sensuais por preciosos e fugazes momentos, sofre agora de uma espécie de ócio, uma inércia motivada pelas limitações do vácuo existencial de seu íntimo. Portanto, a vida humana, envolvida necessariamente neste problema crônico que caracteriza a sua triste jornada rumo ao nada, oscilaria, tal como um pêndulo, entre a dor e o tédio, entre a necessidade e o ócio:

O que mantém todos os viventes ocupados e em movimento é o empenho pela existência. Quando esta lhes é assegurada, não sabem o que fazer com ela. Por conseguinte, a segunda coisa que os coloca em movimento é o empenho para se livrarem do lastro da existência, torná-la não sensível, “matar o tempo”, isto é, escapar do tédio<sup>4</sup>.

Enraizado profundamente nesta dimensão, o homem não conseguiria viver uma paz de espírito durável, tampouco se desvencilhar do sofrimento, pois, nessa concepção, não apenas a dor decorre do sofrimento, mas também o próprio sentimento de nulidade motivado pelo tédio. Nessas condições, Schopenhauer considera que esse estado de sofrimento motiva na personalidade humana um profundo desgosto pela existência, decorrente do desenvolvimento de um sentimento de impotência. O mundo se torna o grande palco da guerra de todos contra todos, do aniquilamento do homem pelo homem, confirmando a metáfora hobbesiana do homem vivendo no estado de natureza, na terrível “guerra que é de todos os homens contra todos os homens”<sup>5</sup>. A disposição egoísta faz com que o ser humano se torne um meio, e não um fim em si mesmo, ou seja, um objeto para a afirmação e concretização dos apetites mesquinhos, oriundos do referido egoísmo, que preconiza assim a conquista de todas as vantagens para si em detrimento do bem-estar do próximo. Encontramos nessa questão talvez um reflexo da teoria kantiana da ação moral, ainda que Schopenhauer critique enfaticamente o

---

<sup>3</sup> SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR I, p. 404.

<sup>4</sup> SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR I, p. 403.

<sup>5</sup> HOBBS, T. *Leviatã*, p. 109.

formalismo da moral kantiana e seu malfadado conceito de “dever” tal como apresentado na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*:

Ser caritativo quando se pode sê-lo é um dever, e há além disso muitas almas de disposição tão compassiva que, mesmo sem nenhum outro motivo de vaidade ou interesse, acham íntimo prazer em espalhar alegria à sua volta e se podem alegrar com o contentamento dos outros, enquanto este é obra sua. Eu afirmo porém que neste caso uma tal ação, por conforme ao dever, por amável que ela seja, não tem contudo nenhum verdadeiro valor moral, mas vai emparelhar com outras inclinações, por exemplo o amor das honras que, quando por feliz acaso toma aquilo que efetivamente é de interesse geral e conforme ao dever, é conseqüentemente honroso e merece louvor e estímulo, mas não estima; pois à sua máxima falta o conteúdo moral que manda que tais ações se pratiquem não por inclinação, mas por dever<sup>6</sup>.

Schopenhauer, postulando uma compreensão da ação moral sustentada pela experiência concreta, cuja raiz se encontra na disposição metafísica da compaixão, rechaça tal argumentação:

O valor do caráter só se institui quando alguém sem simpatia no coração, frio e indiferente ao sofrimento de outrem, realiza boas ações não nascidas, na verdade, da solidariedade humana, mas apenas por causa do enfadonho dever<sup>7</sup>.

Mediante as duas citações, percebe-se que Kant e Schopenhauer são antípodas acerca do pretenso valor da ação moral; todavia, apesar desse fato, podemos realizar uma surpreendente conciliação técnica entre ambos: se aproveitarmos a formulação do imperativo categórico kantiano para interpretarmos a questão do egoísmo latente na condição humana, tal problema se desenrolaria nos seguintes termos: se porventura todos os homens pretenderem afirmar os seus apetites e vontades individuais em detrimento do “outro”, do externo, um mundo de injustiças se efetivará, ocorrendo, como consequência natural, um choque entre os seres vivos, representado de forma concreta através das guerras, dos atos de violência e de intolerância. Nessa terrível situação, o homem se torna o lobo do homem, ocorre a guerra de todos os homens contra todos os homens. Schopenhauer afirma que esta circunstância seria a máxima representação do embate da Vontade consigo mesma, uma vez que, em suas reflexões

---

<sup>6</sup> KANT, I. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, p. 28.

<sup>7</sup> SCHOPENHAUER, A. M/M, p. 40.

*As fontes da teoria da sublimação de Freud na filosofia de Schopenhauer*

*Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer* - Vol. 6, Nº 1 - 1º semestre de 2015 - ISSN: 2179-3786 - pp. 85-101.

referentes ao âmbito da “Metafísica da Natureza” no Livro II de *O Mundo como Vontade e como Representação* o filósofo desenvolve a teoria de que o mundo seria constituído por uma força universal desprovida de sentido ou finalidade, a referida Vontade, considerada como a coisa-em-si do universo, presente, em uma escala gradativa, nos seres inanimados (de constituição mais rudimentar) aos seres animados (mais desenvolvidos organicamente), nos estados mais primitivos aos mais elaborados. Desse modo, este princípio metafísico, ao se objetivar materialmente através das categorias do espaço e do tempo, modela no ser humano a vontade individualizada, a qual seria simplesmente uma derivação da Vontade originária.

Descoberta a essência da realidade, torna-se plenamente possível explicar a motivação que se manifesta nas ações egoístas: estas consistiriam no resultado terrível da objetivação incontrolável do princípio de conservação da vida, afirmado na máxima ênfase nas relações dos indivíduos, ainda que em detrimento da felicidade e da segurança alheia. Afinal, deve-se levar em consideração que este seria o nebuloso reflexo de um mundo dominado por um impulso cego, irracional, que de modo algum possui disposições teleológicas pautados em princípios ulteriores que promovam o progresso efetivo da natureza e da condição humana.

Contudo, Schopenhauer, considerando ter decifrado o enigma do universo e a raiz da situação de sofrimento no qual se encontra o ser humano, considera que este, apesar das suas inerentes limitações, teria a capacidade de realizar a emancipação deste fardo insuportável que lhe oprime, de modo que uma das possibilidades de concretizar essa situação redentora residiria na contemplação estética. O filósofo reitera que esta experiência proporcionaria uma elevação momentânea do indivíduo dos limites de um mundo no qual, enquanto aparência, ou seja, considerado como mero fenômeno da coisa-em-si, é governado por um princípio de razão, através do qual se origina uma modalidade de conhecimento cujo âmbito pode ser considerado como estendido ao comum dos humanos, manifestando-se, por exemplo, nas ciências da natureza. Cabe destacar que outra possibilidade de supressão do mal-estar da existência reside na prática de uma vida ética sustentada metafisicamente pela compreensão da unidade ontológica presente em todos os seres; para tanto, a compaixão se torna a disposição que permite ao “eu” se compreender como o próprio “tu”, penetrando em suas próprias afecções. A compaixão é a matriz de duas virtudes cardeais: a justiça, pautada no respeito aos direitos e integridade existencial da figura do outro, e a caridade, que estabelece o amor incondicional ao próximo exigindo a ação concreta para libertá-lo de

sua aflição imediata. A compaixão abole as diferenças entre o “mesmo” e o “outro”, possibilitando ao homem que desvendou o caráter ilusório da individuação perceber no ser do próximo a sua própria essência. A expressão védica *Tat twam asi* (“Esse vivente és tu”) expressa o âmago da experiência da compaixão enquanto desvelamento da unidade fundamental entre todos os seres<sup>8</sup>.

Schopenhauer argumenta que, enquanto inserido na esfera deste conhecimento comum, produzido na circunscrição das categorias do espaço e do tempo, sendo, por conseguinte, vinculado ao âmbito da racionalidade, o indivíduo se esforça pela aquisição de saberes e informações de modo interessado, pois ele estaria impulsionado por sua ânsia volitiva, ressaltando-se que, sendo o corpo humano a objetivação da Vontade, os sentidos receptores da realidade exterior, tais como a visão ou o tato, se encontrariam a pleno serviço daquela, assim como os órgãos e demais partes do corpo: “Dentes, esôfago, canal intestinal, são a fome objetivada. Os genitais são o impulso sexual objetivado; as mãos que agarram e os pés velozes já correspondem ao empenho mais indireto da Vontade que eles expõem”<sup>9</sup>; mais ainda, Schopenhauer considera o cérebro com o instrumento por excelência do mundo visto como representação, e os órgãos sexuais como o instrumento por excelência da manifestação do “ímpeto tempestuoso e obscuro do querer”<sup>10</sup>.

Entretanto, devemos ressaltar que a contemplação estética se diferencia absolutamente deste referido nível de conhecimento e dos meios através dos quais o ser humano o adquire, por se pautar na supressão da existência efetiva dos objetos individuais, múltiplos, plurais, em prol da contemplação dos objetos e entes tais como eles o seriam em sua plena essência. Schopenhauer, através de uma bela citação, considera que, “para o homem comum, a faculdade de conhecimento é a lanterna com a qual ilumina seu caminho; para o homem genial, é o Sol com o qual revela o mundo”<sup>11</sup>.

Schopenhauer, utilizando uma terminologia platônica, considera que a atividade do homem, imerso nesta modalidade momentaneamente soteriológica consiste na contemplação das Ideias, arquétipos imutáveis de tudo aquilo que existe concretamente, estando para além de toda aparência do mundo fenomênico. Em Schopenhauer, as Ideias não seriam, todavia, a coisa-em-si, mas o grau imediato de objetivação da Vontade. Portanto, em tal máxima consistiria o objetivo da arte: se esforçar por

---

<sup>8</sup> SCHOPENHAUER, WWV/MVR I, p. 295.

<sup>9</sup> SCHOPENHAUER, WWV/MVR I, p. 167.

<sup>10</sup> SCHOPENHAUER, WWV/MVR I, p. 275.



apresentar ao homem os objetos tais como eles o são em sua verdadeira realidade. Em tal fator consiste a atividade por excelência do gênio, a capacidade de conhecer independentemente do princípio da razão, possibilitando assim a contemplação das Ideias e a suspensão do querer em seus órgãos receptores dos estímulos do mundo fenomênico:

Apenas pela pura contemplação a dissolver-nos completamente no objeto é que as Ideias são apreendidas. A essência do gênio consiste justamente na capacidade preponderante por tal contemplação. Ora, visto que só o gênio é capaz de esquecimento completo da própria pessoa e de suas relações, segue-se que a genialidade nada é senão a objetividade mais perfeita, ou seja, orientação objetiva do espírito, em oposição à subjetiva que vai de par com a própria coisa, isto é, com a Vontade<sup>12</sup>.

Nesse estado contemplativo ocorreria a emancipação desta qualidade de homem da sua condição de sujeito submetido ao princípio da razão, através de sua elevação a um estado intuitivo que Schopenhauer denomina como o do “puro sujeito que conhece”, o qual se caracteriza por não mais inserir o lastro de sua vontade, de suas inclinações, no ato de aquisição de conhecimento. Trata-se, por conseguinte, do conhecimento desinteressado, cuja placidez e requinte possibilitam a este sujeito a contemplação das formas eternas, livres da transformação inexorável imposta pelo devir ao âmbito do mundo dos fenômenos. É importante ressaltar que na experiência estética o ato de conhecimento, que originalmente era um instrumento utilizado para a afirmação da Vontade, se torna desinteressado, enquanto a própria Vontade é negada em sua raiz. Aliás, podemos considerar “supressão da individualidade” e “sujeito puro do conhecimento” como termos que conduzem a uma sinonímia, posto que o homem que se alça acima dos limites de sua individualidade é plenamente capaz de compreender o mundo de modo desinteressado, ou seja, sem as inclinações motivadas pela Vontade.

Nesse ponto reside a harmonia proporcionada pelo belo e a contemplação desinteressada das Ideias, pois a finalidade suprema da arte, segundo Schopenhauer, consiste no apaziguamento da Vontade de vida, que em verdade é um pleonismo, pois a Vontade, em sua objetivação, afirma o querer viver incondicionalmente.<sup>13</sup> Nessa relação, o homem não se afeta subjetivamente quando interage com determinada obra de arte, de modo que, ao contemplar a beleza desta, propriedade por excelência da arte,

---

<sup>11</sup> SCHOPENHAUER, WWV/MVR I, p. 257.

<sup>12</sup> SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR I, p. 254.

o sujeito, livre das amarras da vontade, não manifesta nenhuma espécie de atração pelo objeto observado, pois o que se preconiza neste evento, conforme dito, não é o objeto singular, mas o objeto em sua essência, como pura Idéia platônica. Em termos concretos, pode-se considerar que um homem, ao contemplar uma estátua que represente o corpo despido de uma bela mulher, em nenhuma circunstância sofrerá dos ardores do desejo sexual ou da concupiscência instigada por sua observação das formas constituintes da imagem representada: isso se dá uma vez que esta interação estética não se pauta no ato de se mirar uma mulher singular, submetida assim ao princípio de individuação, mas sim no de contemplar a essência da mulher, o seu arquétipo perfeito e ideal. Cabe ainda ressaltar que a atividade estética preconizada por Schopenhauer em hipótese alguma deve instigar no ser humano qualquer espécie de desejo, seja retratando-se o nu feminino de modo lascivo, que não expressa o belo eterno, ou a exibição de alimentos comestíveis suculentos nos quadros de natureza morta, por exemplo. Schopenhauer denomina pelo termo “provocante” esses sintomas de degradação estética que não corresponde aos propósitos superiores da experiência metafísica do belo.

Por conseguinte, Schopenhauer considera que essa relação de contemplação desinteressada, lidando não com a multiplicidade dos objetos, mas com as suas formas universais, é potencialmente capaz de apaziguar por alguns instantes os impulsos de conservação da vida instigados pela vontade no corpo do homem, que se objetiva através do desejo sexual e da ânsia de procriação da espécie. De modo que o verdadeiro esteta, ao contemplar o belo, sentirá necessariamente em suas disposições um relaxamento da sua vontade individual o qual, em sua essência consiste na afirmação do desejo sexual. A arte e a própria atividade filosófica aparecem como fonte de um tipo de sublimação que Schopenhauer associa à contemplação desinteressada e que nos tornaria momentaneamente independentes das contingências e apelos dolorosos do mundo corriqueiro. Essa sublimação depende não só na arte, mas também no caso de realizações culturais mais amplas, dos inúmeros graus de genialidade possíveis em caracteres humanos. Por conseguinte, a experiência da contemplação é similar àquela do estado ascético, pois implica a supressão existencial da sexualidade, mas difere deste por ser uma supressão apenas momentânea do querer associado ao egoísmo individual.

---

<sup>13</sup> SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR I, p. 258.  
*As fontes da teoria da sublimação de Freud na filosofia de Schopenhauer*

Inclusive, devemos acrescentar que um dos pontos mais surpreendentes da teoria estética de Schopenhauer reside na amplitude de sua extensão: qualquer ser humano teria a capacidade de fruir esteticamente a obra de arte e o seu fundamento primordial, o belo, pelo fato de ser possuidor de um relativo grau de genialidade, que muitas vezes se encontra latente na sua consciência. Porém, é no gênio criador que esta situação ocorreria de modo mais perfeito e duradouro:

O gênio possui tão-somente um grau mais elevado e uma duração mais prolongada daquele modo de conhecimento, o que lhe permite conservar a clareza de consciência exigida para reproduzir numa obra intencional o assim conhecido, reprodução essa que é a obra de arte<sup>14</sup>.

O gênio, nesses termos, é considerado como o “claro olho cósmico” que contempla de modo puramente objetivo as Ideias.<sup>15</sup> Inclusive, Schopenhauer considera que na fisionomia e especialmente no olhar do gênio existiria a expressão e o reflexo do conhecimento mais perfeito, aquele que não se aplica a coisas particulares, mas o que conhece de uma maneira adequada as Ideias, ou seja, toda a essência do mundo e da vida. No entanto, deve-se ressaltar que essa circunstância não desvaloriza ou deprecia as capacidades da infinita gama de indivíduos que interagem com as criações artísticas dos grandes mestres, posto que, não apenas os criadores e os especialistas obteriam essa dádiva proporcionada pelo belo, mas os próprios espectadores comuns, desde que obviamente sejam capazes de desenvolver as suas faculdades estéticas.

Entretanto, de acordo com a teoria estética de Schopenhauer, a fruição proporcionada pela contemplação estética, ainda que liberte o homem por raros e imprescindíveis momentos da tirania dos seus desejos, não se efetiva de modo duradouro, consistente. Ela apenas afasta brevemente do homem os tormentos da existência, para novamente devolvê-los ao fim desta mágica e confortante interação, tornando a aflorar na vida humana com a sua máxima intensidade. Portanto, a contemplação estética não soluciona o mal estar da existência, se limitando apenas a embelezar e atenuar a presença do homem em um mundo corroído pelo caos e aniquilamento mútuo dos seres na “guerra de todos contra todos”, mitigando o desgosto que se prolonga diariamente na sua luta pela existência.

A solução mais consistente e quiçá definitiva para conter os impulsos destrutivos do ser humano e o seu sofrimento primordial residiria na prática de uma ética da

---

<sup>14</sup> SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR I, p. 265.

compaixão, fundamentada por uma metafísica pautada no autoconhecimento da Vontade por parte do sujeito, que por sua vez proporciona a descoberta intuitiva da unidade original dos seres, questões que, no entanto, poderão ser analisadas de modo mais específico em outra circunstância.

### **Freud e a teoria da sublimação**

As reflexões elaboradas por Schopenhauer sobre os fundamentos da contemplação estética, elucidados no tópico anterior, influenciam consideravelmente o pensamento de Freud, quando este desenvolve a teoria da sublimação. Conforme veremos em seguida, consiste em um processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Esta é “sublimada” na medida em que é direcionada para um novo objetivo de âmbito não sexual, visando objetivos socialmente valorizados. Freud considera, de acordo com suas pesquisas, que o ego desenvolve alguns mecanismos de defesa protetora contra o mal-estar decorrente da sua situação de instigado por impulsos inconscientes. Um destes é a sublimação, que envolve a substituição de uma meta que não pode ser satisfeita diretamente por meios socialmente aceitáveis.

Importante ressaltar que, no entanto, esta teoria da sublimação se caracteriza por superar em alguns passos a perspectiva de Schopenhauer, pelo fato de que Freud considera que não apenas por meio da fruição artística, mas através de qualquer atividade produtiva, seja de cunho intelectual, lúdico ou até mesmo laborioso, o ser humano canalizaria os seus voluptuosos impulsos sexuais – os quais, de acordo com a teoria de Schopenhauer, expressariam por excelência o poder dos desejos impostos pela vontade humana - através da realização de empreendimentos, de ações que, transformando essa energia vital dispersada através do ato sexual em um impulso produtivo, concreto, libertaria o homem por uma parcela de tempo da cadeia de seus insaciáveis desejos. Inclusive, Freud defende a hipótese de que seria através da canalização destes impulsos que o homem desenvolveria a capacidade de progredir do estado de natureza para o estado de cultura, afirmando que

---

<sup>15</sup> SCHOPENHAUER, A. SV/MB, p. 61.  
*As fontes da teoria da sublimação de Freud na filosofia de Schopenhauer*

Esse instinto [pulsão sexual] coloca à disposição da atividade civilizada [trabalho cultural] uma extraordinária quantidade de energia [força], em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade. A essa capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se capacidade de sublimação<sup>16</sup>.

É em decorrência dessas características determinadas que Freud se capacita a sugerir que assim como os impulsos sexuais e os de conservação atuam conjuntamente, também haveria a atração das forças libidinosas para alvos não-sexuais, o que resultaria na experiência da sublimação. No entanto, deve-se salientar que, ao se visar essa referida sublimação da pulsão sexual, de modo que o indivíduo possa obter uma satisfação de âmbito não-sexual, é estritamente necessário que ele se utilize de um objeto também de âmbito não-sexual. Por conseguinte, podemos afirmar que a sublimação consistiria na substituição do objeto e objetivo sexual da pulsão original por um objeto e um objetivo não-sexual.

De acordo com a concepção elaborada por Freud, na busca inútil de uma satisfação impossível, de uma descarga total dos impulsos sequeiosos em se libertarem, a sublimação ao menos possibilitaria uma satisfação parcial dos anseios do homem, obtida acima de tudo pela realização de outros fins que não os pertencentes à esfera erótica. Esta referida perspectiva encontra em Schopenhauer a sua influência originária, quando este considera que não existe uma satisfação duradoura para o indivíduo que vislumbra a efetivação de sua felicidade através do desfrute dos prazeres sensíveis, mas somente breves momentos de saciedade, prontamente substituídos por novos anseios. Contudo, os limites da liberação proporcionada pela sublimação não diminui de modo algum a sua importância no âmbito da vida humana, pois seria uma “válvula de escape” que transforma e redimensiona a energia libidínica do corpo em dádivas criativas, direcionadas efetivamente para o engrandecimento da cultura social. Inclusive, Freud considera que um dos benefícios proporcionados por esta instância psíquica residiria na integração do indivíduo nos círculos sociais, na própria vida cotidiana, de modo que obtivesse a aceitação plena da coletividade:

Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas

---

<sup>16</sup> FREUD, S. “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”, OC, Vol. IX, p. 174.

contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais. Além das exigências da vida, foram sem dúvida os sentimentos familiares que derivados do erotismo que levaram o homem a fazer essa renúncia, que tem progressivamente aumentado com o progresso da civilização<sup>17</sup>.

Conforme a perspectiva freudiana, as atividades conscientes do ser humano são ínfimas, em relação ao grande mistério concernente às suas pulsões inconscientes, tal como a pequena ponta da superfície manifestada de um *iceberg*, utilizando-se de uma elucidação concreta. Desse modo, na afirmação de sua existência como indivíduo civilizado, o sujeito estaria travando continuamente uma interminável luta com os seus instintos de conservação, tendo por meta a sua estabilização como ser social. A grande cisão ocorre justamente pelo fato de que seus instintos essencialmente inconscientes, de natureza sexual, não pretendem se submeter de forma alguma aos padrões instituídos, no anseio de permanecerem no âmbito de pura natureza. No entanto, o indivíduo tocado pela necessidade de transformar essa potência irracional em atividades reconhecidas e aceitas no convívio social, empreende árduos esforços para organizar o poder de sua vitalidade sexual em ações que sejam convenientes para a manutenção da ordem pública. Caso contrário, poder-se-ia ocorrer situações em que a libertinagem sexual subverteria o caráter normativo da sociedade, gerando caos e descompromisso dos indivíduos em relação ao respeito pelas instituições. Essas cenas, analisadas na perspectiva freudiana, seriam diagnosticadas como a perda de qualquer senso de pudor moral por parte de seus praticantes, situação que, de acordo com as convenções morais estabelecidas, não deve de modo algum ser legitimado pelas suas instituições sócio-culturais.

Porém, é importante ressaltar que existe uma relativa emancipação de Freud em relação à teoria estética de Schopenhauer anteriormente abordada, residindo especificamente, na questão referente acerca da natureza do impulso criador. Afinal, Schopenhauer considera que, durante a vigência da experiência estética, o gênio se liberta das inclinações motivadas por sua vontade, pelo seu querer, e, conseqüentemente, de seus desejos, tornando-se puro sujeito de conhecimento, em uma plácida ascese proporcionada pela contemplação do belo.<sup>18</sup> Nessas condições, os

---

<sup>17</sup> FREUD, S. “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”, OC, Vol. IX, p. 173.

<sup>18</sup> SCHOPENHAUER, A. SV/MB, p. 61: “(...) a genialidade reside na capacidade de proceder de maneira puramente intuitiva, de perder-se na intuição e de afastar por inteiro dos olhos o conhecimento que existe originalmente para o serviço da Vontade, isto é, seu interesse, seu querer, seus fins, e assim a

impulsos vitais do corpo seriam negados, em prol da elevação do intelecto puro, liberto inclusive dos princípios constituintes do conhecimento comum. Decorreria deste fator a capacidade humana em contemplar não os objetos singulares, mas as próprias Idéias imutáveis, os arquétipos constituintes da realidade, no decorrer dessa experiência. Em suma, nesse estado beatífico, o poder dos impulsos sensíveis é atenuado, os estados de ansiedade e inquietude daquele que interage com a arte são superados, por meio de uma harmoniosa serenidade.

Todavia, no contexto da teoria da sublimação de Freud, pode-se considerar que o artista, o gênio, o homem produtor ou o simples espectador, não lutaria contra as volições de seu corpo e sua sensualidade latente, mas sim, contra os seus excessos, algo muito similar a tradicional aversão que os gregos antigos nutriam pela *hybris*, considerada como um terrível vício. Desse modo, a proposta freudiana não preconiza a renúncia ascética às categorias da sensibilidade, mas a transformação desse fluxo de potência sexual, de voluptuosidade e vigor, em uma energia propulsora de criação de obras. Portanto, nessa concepção, o élan que mobilizaria as capacidades criativas do homem residiria nos seus próprios instintos sexuais, os quais, em estados dependentes do dispêndio de forças internas para que sejam efetivados, seriam liberados para a realização de atividades de âmbito mais refinado ou mesmo vigorosos, de acordo com as circunstâncias, sem que ocorra o conseqüente desperdício destas, como concerne ao próprio ato sexual. Afinal, salvo algumas exceções, a vontade de copular, após ser saciada por breves momentos, torna a instigar novamente o fluxo de pensamento do indivíduo, tal como o pensamento de Schopenhauer acerca da natureza dos desejos humanos, que uma vez saciados em um dado momento, tornam a instigar a mente momentos depois.

Desse modo, poder-se-ia considerar que o gênio criador necessita terminantemente possuir uma disposição natural para a vida sexual, uma sensualidade presente nas disposições de seu corpo e de sua estrutura psíquica, de modo que a grandeza de sua criatividade estética consistiria justamente em controlar os ímpetus de sua natureza animal, tendo em vista a criação de obras ou o desenvolvimento de ações elevadas, cuja qualidade é diretamente proporcional ao estado de conflito do artista entre a racionalidade e serenidade do intelecto e o fervilhar de seus impulsos sensíveis. Afinal, se estudarmos a história de vida de muitos dos grandes artistas, poderemos ver

---

personalidade se ausenta completamente por um tempo, restando apenas o puro sujeito que conhece, claro olho cósmico.”

que estas foram marcadas por essa tensão entre as duas referidas instâncias, decorrendo daí a potencialização das suas grandes criações.

Outra possibilidade, estendida agora mais precisamente ao vulgo, residiria no desempenho do trabalho comum, como, por exemplo, no artesanato e na manufatura, pois, nestas atividades, que consomem esforços de concentração e forças corporais, o indivíduo se desligaria das frivolidades do mundo em prol da produção de objetos que serão utilizados pelos demais seres humanos, através das transações comerciais.

Cabe ainda destacar que outro âmbito, por sinal também franqueado a uma extensão maior de indivíduos, consistiria na prática de atividades desportivas, como meio de se extravasar o acúmulo das pulsões sexuais. Um dos exemplos mais interessantes que podemos retirar do próprio cotidiano residiria na recomendação que alguns treinadores prescrevem aos atletas que estão às vésperas de participar de uma competição importante, para que abdicuem da realização do ato sexual, posto que, essa ânsia voluptuosa, armazenada nas disposições do corpo, permite que o atleta possa competir com seus adversários com mais empenho e determinação. Ressaltando-se também que, em estado de abstinência, diversas vezes o atleta obediente a esses cuidados acumula mais forças e desenvolve um estado de concentração mais elevado do que aquele que dispersa suas energias com atividades de outra ordem. Tal fenômeno pode decorrer justamente da sublimação de seus impulsos sexuais, nesse caso, canalizados em ações vigorosas, tendo-se por meta o reconhecimento da coletividade quando o atleta demonstra nos certames a sua excelência técnica.

Em suma, nestas circunstâncias residiria a teoria da sublimação freudiana: o emprego da poderosa energia sexual originada pelo corpo em atividades que satisfazem o homem, pela compreensão do caráter criativo presente em seu próprio âmago.

### **Considerações Finais**

A proposta deste ensaio consistia em servir de introdução para a questão suscitada pela importância da apreciação estética e da criação cultural na vida humana, tendo-se por meta refletir acerca dos problemas concernentes à sua esfera, e de que modo os autores analisados nesta pesquisa lidariam com tais fatores.

Considero que tanto os elementos constituintes da contemplação estética própria da “Metafísica do Belo” elaborada por Schopenhauer, quanto da teoria da sublimação proposta por Freud – a despeito de uma relativa visão amarga da existência presente na



obra de ambos os pensadores – podem ser interpretados como argumentos plausíveis para a instauração de uma vida mais aprazível no cotidiano; as propostas de Schopenhauer e de Freud denotam o esforço contínuo do homem em se libertar da tirania dos seus desejos e do conseqüente sentimento de tensão, motivado justamente por essa ânsia em se dar vazão a todos os apetites motivados pelos apelos do querer.

Desse modo, podemos dizer que ambos os autores se complementarizam do ponto de vista axiológico, cada um nos seus graus de complexidade e amplitude acerca da concretização das obras criativas, nos diversos âmbitos, tais como o artístico, o lúdico ou o desportivo, dentre outras atividades possíveis; afinal, o próprio fato de o homem vencer o seu desgosto da existência, através da percepção estética da obra de arte, ou ainda ao canalizar os seus impulsos naturais e apetites desiderativos, mediante a atividade artística e/ou cultural, seria a criação maior do homem, a superação de um enfoque pessimista da existência em prol da afirmação de um otimismo prático, absolutamente viável de ser efetivado na vida cotidiana.

### **Referências bibliográficas**

FREUD, Sigmund. “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”. In: Vol. IX da *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. de Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 165-186.

HOBBS, Thomas. *Leviatã* ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil. In: Vol. *Hobbes*, Col. Os Pensadores. Trad. de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz N. da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do belo*. Trad. de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2003.

\_\_\_\_\_. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. de Jair Barboza. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. *Sobre o fundamento da moral*. Trad. de Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido: 20/07/15  
Received: 07/20/15

Aprovado: 07/08/15  
Approved: 08/07/15